UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE SOCIEDADE, CULTURA E ARTES
BACHARELADO EM JORNALISMO

BÁRBARA ÍVINA SILVA SOBREIRA

ENTRE O MEDO E A DENÚNCIA: A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO CARIRI CEARENSE

JUAZEIRO DO NORTE
2026

BÁRBARA ÍVINA SILVA SOBREIRA

ENTRE O MEDO E A DENÚNCIA: A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO CARIRI CEARENSE

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade reportagem multimídia apresentado ao curso de Jornalismo do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes da Universidade Federal do Cariri (UFCA), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Satuf Rezende

JUAZEIRO DO NORTE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

S677e Sobreira, Bárbara Ívina Silva.
Entre o medo e a denúncia: a violência contra as mulheres no Cariri cearense/ Bárbara Ívina Silva Sobreira. – 2026.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo - Modalidade Reportagem Multimídia) – Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Satuf Rezende.

1. Reportagem multimídia. 2. Violência contra a mulher – Cariri (CE). 3. Feminicídio. 4. Jornalismo digital e narrativa longform. I. Rezende, Ivan Satuf (Orient.).
II. Universidade Federal do Cariri. III. Título.

CDD 070.44

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

BARBARA IVINA SILVA SOBREIRA

ENTRE O MEDO E A DENÚNCIA:
A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO CARIRI CEARENSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em: 29/10/2026.

BANCA EXAMINADORA

gov.br
Documento assinado digitalmente
IVAN SATUF REZENDE
Data: 29/10/2026 21:12:05-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Ivan Satuf Rezende (Orientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

gov.br
Documento assinado digitalmente
JULIANA LOTIF ARAUJO
Data: 29/10/2026 21:56:03-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Juliana Lotif Araújo
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

gov.br
Documento assinado digitalmente
JAQUELINE DE FREITAS LUCENA
Data: 03/11/2026 14:56:29-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Jaqueline de Freitas Lucena

A todas as mulheres que, mesmo imersas em um sistema que insiste em subjugá-las, persistem sendo resistência e sendo alicerces umas às outras, me ensinando que eu devo seguir neste mesmo caminho.

AGRADECIMENTOS

Ser jornalista não era o meu sonho desde criança, mas se tornou uma paixão desde que entrei no curso e me encontrei nele. O período vivido na universidade foi, com certeza, transformador. O meu caminho trilhado desde o primeiro dia de aula em agosto de 2022 até aqui, foi extremamente especial e enriquecedor.

Agradeço aos meus queridos pais, Silvânia e Jailson, por me apoiarem desde o início e por me ensinarem, desde pequena, sobre o imensurável valor da educação. Também, pelo conforto que me proporcionaram ao longo dessa extensa jornada e por terem sido colo quando mais precisei e me senti incapaz.

Aos meus irmãos, Isaac e Bianca, agradeço pelo suporte de sempre e por poder compartilhar com vocês as experiências da vida acadêmica.

A Luiz Henrique, que se fez presente ao meu lado do começo ao fim, sempre de prontidão para me ajudar no que eu precisasse. Que escutou minhas lamúrias e me motivou em diversos momentos.

A todos os meus familiares que me incentivaram e foram fortaleza para que eu seguisse nessa caminhada.

Aos meus amigos universitários, Abilio, Carlos, Kalil e Ryan, vocês foram essenciais para que eu chegasse até aqui, que sorte a minha encontrar vocês.

À Raíssa, que me incentivou e com quem tive o prazer de dividir um estágio e um período de bolsa na PRPI, onde partilhamos juntas alegrias e estresses.

Às entrevistadas e entrevistados da reportagem, Socorro, Valentina, Maria, Macedônia Felix, Laura Brasil, Sara Regina, César Alves e Francisco Tavares, que toparam de braços abertos fazer parte desse trabalho e que foram fundamentais para a construção dele.

Ao professor Ivan, que orientou este trabalho com tanto afinco, paciência e atenção, você é referência no Jornalismo para mim.

Aos professores do curso de Jornalismo da UFCA, em especial, Juliana Lotif e Liliane do Nascimento, por tantos ensinamentos e por serem inspiração.

À UFCA, que me abriu tantas oportunidades e se tornou segunda casa durante quatro felizes anos, e ao Jornalismo, onde eu me encontrei e escolhi ficar.

A mim, que apesar dos percalços, consegui me manter firme e continuar.

A todos que contribuíram de alguma forma para que eu conseguisse realizar este trabalho, o meu muito obrigada.

Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.

Simone de Beauvoir

RESUMO

Este relatório técnico trata da produção da reportagem multimídia longform intitulada “Entre o medo e a denúncia: a violência contra as mulheres no Cariri cearense”, apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA). A reportagem lança um olhar sensível, reflexivo e conscientizador sobre o problema da violência contra a mulher no Cariri, procurando manter as vítimas no centro do debate e abrindo o olhar para aspectos comumente silenciados. A reportagem é estruturada em quatro capítulos denominados “As marcas da violência contra a mulher no Cariri”, “Vozes que romperam o silêncio”, “Os números da violência” e “Vítimas por extensão”, além de uma seção especial chamada “Sob o olhar da repórter”, com um relato pessoal da autora. A narrativa é apresentada no formato de grande reportagem multimídia longform, que proporciona uma experiência de leitura mais dinâmica, contextualizada e imersiva, por meio da integração de diferentes linguagens, como o texto, infográficos, vídeos, fotografias e ilustrações. O site que abriga a reportagem foi criado através do *Wix*, plataforma para criação e edição de sites de forma simplificada. A reportagem pode ser acessada livremente por meio do link https://barbaraivinajorn.wixsite.com/entreomedoeadenuncia. A pesquisa se baseou em dados estatísticos e em entrevistas com profissionais e mulheres da região vítimas de violência. O trabalho busca, além de informar, sensibilizar o público e fomentar um debate social mais consciente acerca da violência contra a mulher no Cariri.

Palavras-chave: reportagem multimídia; violência contra a mulher; Cariri cearense; vítimas de violência; feminicídio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Momento dentro da viatura da Patrulha Maria da Penha, em destino à residência da vítima a ser visitada..... 22

Figura 2 - Planilha estatística original da SSPDS, sem edições..... 23

Figura 3 - Planilha estatística da SSPDS editada..... 24

Figura 4 - Fontes tipográficas utilizadas no site..... 27

Figura 5 - Cores utilizadas no site..... 27

Figura 6 - Exemplo de box informativo sobre o entrevistado..... 29

Figura 7 - Primeiro modelo de apresentação para os vídeos na reportagem..... 29

Figura 8 - Reformulação feita na representação para os vídeos na reportagem..... 30

Figura 9 - Botões clicáveis da reportagem para retornar ou avançar entre os capítulos…..…..... 30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de entrevistas realizadas durante a produção da reportagem..……21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11

2 REFERENCIAL TEÓRICO..... 13

2.1 A violência contra a mulher no Cariri..... 13

2.2 A reportagem multimídia..... 14

2.3 A subjetividade no jornalismo..... 16

3 MÉTODOS..... 20

3.1 Apuração: obtenção de dados e realização de entrevistas..... 20

3.2 Produção textual..... 24

3.3 Construção do site..... 25

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 32

REFERÊNCIAS..... 33

1 INTRODUÇÃO

Este relatório trata da produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "Entre o medo e a denúncia: a violência contra as mulheres no Cariri cearense", reportagem multimídia[1] apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Dividida em quatro capítulos, a reportagem foi produzida no formato *longform* e inicia apresentando uma dimensão da realidade na região, com o apoio de dados estatísticos, apresentação da rede de apoio e enfrentamento à violência existente, e análise sobre como os veículos informativos locais repetem padrões de discursos que alimentam o ódio e à violência contra as mulheres. Em seguida, apresenta as histórias de três mulheres caririenses que relatam como conseguiram quebrar o ciclo da violência e reconstruir suas vidas. Logo depois, a reportagem aprofunda-se na análise das estatísticas da região e, por fim, aborda a situação dos filhos e dependentes das vítimas, que muitas vezes ficam à sombra da discussão, mas que também são diretamente afetados.

Em média, no Brasil, são registrados quatro casos de feminicídios por dia. Ou seja, essas mulheres têm suas vidas interrompidas, na grande maioria das vezes, por homens, apenas pela sua condição de mulher. A motivação do crime é unicamente o gênero. Os assassinos, quase sempre conhecidos das vítimas, costumeiramente tentam se utilizar de justificativas como "ela me traiu", "ela quis terminar comigo, mas eu não aceito", entre outras falas enraizadas na misoginia. Porém, nenhuma dessas situações deve servir como um passe livre para a violência ou para causar a morte de uma pessoa. A sociedade, por constantemente repetir esses discursos violentos, que menosprezam, subjugam e desumanizam as mulheres, também às assassina. A ideia do trabalho surgiu a partir de uma indignação à essa realidade.

Das produções que realizei durante o curso de Jornalismo da UFCA, aquelas que envolviam escrever sempre me encantaram mais. Durante a disciplina de Jornalismo Digital I, ministrada em 2024 pelo professor Ivan Satuf, orientador deste TCC, eu tive a oportunidade de escrever sobre violência contra a mulher na região do Cariri pela primeira vez. Juntamente com dois queridos colegas de turma, Abilio Fortunato e Ryan Evangelista, produzimos a reportagem digital "Entre 2023 e 2024, casos de violência contra a mulher persistem na Região Metropolitana do Cariri", em que desenvolvemos um texto que analisa o crescimento descontrolado de crimes contra mulheres na região, especialmente nos

[1] Link da reportagem: https://barbaraivinajorn.wixsite.com/entreomedoeadenuncia

municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, baseado em dados estatísticos e contribuições de pesquisadoras.

A produção de infográficos e do layout do site não foi fácil, assim como o processo de escrita. Foi a primeira vez que me aprofundei no tema e comecei a entender melhor a situação da violência contra as mulheres no Cariri. Também percebi como é difícil escrever sobre um tema tão sensível e que me afeta diretamente por eu também ser uma mulher.

A região concentra altos índices de casos de crimes contra a mulher, os quais ocorrem diariamente e de maneira preocupante. Pensando sobre isso, comecei a me questionar: Por que os números não baixam? As cidades ou a região oferecem apoio adequado para essas mulheres? O que a região tem feio para promover mais segurança às mulheres? Como o psicológico das vítimas é abalado pela violência? De que forma o jornalismo local retrata os casos de violência? E os filhos ou parentes das vítimas, como são afetados pela situação? Dessa forma, eu não escolhi escrever sobre violência contra a mulher por gostar do tema, mas pela necessidade de trazer esse debate à tona quantas vezes for preciso.

O processo de construção deste trabalho foi árduo, bem mais difícil do que eu imaginava. Foram muitas funções para desenvolver sozinha, como apuração, estruturar uma reportagem com quatro capítulos, selecionar as fontes e montar roteiros de entrevistas, pensar no layout e organização do site, assim como na criação e disposição dos diferentes tipos de linguagens exigidos em uma reportagem multimídia longform, além de, claro, a produção deste relatório técnico.

Além disso, pensando em algum aspecto que caracterizasse ineditismo à reportagem, eu e meu orientador pensamos que, além de entrevistar mulheres da região vítimas de violência e apresentar suas histórias, seria interessante que eu acompanhasse a Patrulha Maria da Penha de Juazeiro do Norte em um período de trabalho. Com a devida permissão concedida, a ideia pôde ser colocada em prática.

Além de tudo, este trabalho tem como objetivo contribuir para a discussão do problema no Cariri. Desde o início, antes mesmo de iniciar a escrita da reportagem, eu sabia que o meu texto deveria ser escrito de forma a provocar reflexões e indignação nas pessoas que a lessem, que elas pudessem compreender a gravidade do problema. O meu intuito sempre foi trazer as mulheres para o centro do debate, demonstrar de que forma elas são afetadas pela violência de gênero, dar visibilidade a quem a sociedade insiste em silenciar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A violência contra a mulher no Cariri

A região do Cariri, localizada na parte sul do estado do Ceará, tem se tornado cada vez mais insegura e perigosa para as mulheres, um lugar onde a violência se manifesta de maneira intensa e alarmante. O Cariri é formado por 29 cidades, sendo elas: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas, Várzea Alegre.

Os dados da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS-CE) revelam uma crescente anual nos casos registrados na Lei Maria da Penha no Cariri desde 2020, ano em que houveram 2.794 registros, enquanto 2025 chegou a somar 4.578 casos. Já em 2026, durante os meses de janeiro a junho de 2026, foram 2.137 registros, superando o total contabilizado no mesmo período do ano anterior.

Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha fazem parte da Região Metropolitana do Cariri, formando o conjunto conhecido como CRAJUBAR. Apesar da violência contra mulheres atravessar todo o Cariri, apenas essas três cidades concentram mais da metade do total de casos registrados na Lei neste ano. A violência mostra-se ainda pior para mulheres jovens, de etnias não-brancas, e com baixo nível de escolaridade. Os dados da SSPDS também evidenciam que as vítimas mais afetadas pela violência em 2026 são mulheres autodeclaradas pardas, com idades entre 20 e 49 anos, além de meninas de até 9 anos.

A violência contra as mulheres constitui um problema social fundado nas desigualdades históricas e estruturais de gênero, sustentadas pela patriarcalismo e pela cultura do machismo. Nesse contexto, as reflexões de Lélia González (1980) sobre as relações entre o racismo e o sexismo na sociedade brasileira ajudam a perceber como estruturas de opressão se articulam e produzem experiências distintas de discriminação e violência, que se refletem de maneira mais intensa, por exemplo, entre as mulheres pardas e pretas.

Gonzalez (1980) evidencia como o racismo é naturalizado na sociedade brasileira, contribuindo para a marginalização e a desumanização da população negra. Essa lógica se manifesta por meio de estereótipos que desprezam e restringem os lugares sociais ocupados por esse grupo, associando-os à incapacidade intelectual, à irresponsabilidade e à inferioridade social. No caso das mulheres negras, a realidade se manifesta de maneira ainda mais cruel, uma vez que são desumanizadas duas vezes: pelo seu gênero e pela sua cor. Como

sintetiza a autora: “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta” (Gonzalez, 1980, p. 69).

Ao discutir o Carnaval brasileiro, Gonzalez (1980) ressalta uma contradição presente no imaginário social brasileiro: enquanto a figura feminina negra é exaltada em desfiles de escolas de samba, essa valorização contrasta com a desqualificação imposta à ela no cotidiano. A autora relaciona essa incoerência ao mito da democracia racial, que encobre a existência das desigualdades raciais no país. A hipersexualização e a objetificação da mulher negra durante o rito carnavalesco revelam, nesse contexto, que sua visibilidade pode estar interligada a representações que reforçam estereótipos raciais e de gênero.

> Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra, pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos “mulata” e “doméstica” são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. (Gonzalez, 1980, p.71)

Nesse sentido, as reflexões da autora contribuem para compreender os dados apresentados anteriormente sobre a violência contra as mulheres no Cariri, ao evidenciar que as desigualdades de gênero não podem ser analisadas de forma dissociada das relações raciais e sociais. Pois, apesar de qualquer mulher estar sujeita a sofrer alguma forma de violência, as suas experiências não são homogêneas, uma vez que dependendo da cor da pele, da classe social, da orientação sexual, da idade ou do meio em que vivem, umas estão mais vulneráveis que outras. É importante enfatizar também que há uma ausência de políticas públicas e ações de enfrentamento verdadeiramente efetivas a esse tipo de violência, que precisam necessariamente do engajamento de muitos setores para acontecer.

2.2 A reportagem multimídia

A escolha de fazer um produto jornalístico na modalidade de reportagem multimídia longform partiu da possibilidade de conseguir abordar o tema da violência contra a mulher no Cariri cearense de variadas formas, indo além do texto verbal. A multimidialidade do formato permite mais dinamicidade e amplitude ao texto. Poder usufruir do audiovisual, de fotografias, de infográficos e de outros elementos visuais informativos foi essencial para a construção da narrativa da reportagem, centrada em um tema bastante sensível. Dessa forma,

a reportagem multimídia destacou-se para mim como o formato ideal para desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso.

Para construir o trabalho, foi preciso entender mais sobre a modalidade. O surgimento do meio digital trouxe consigo novos modos de se fazer jornalismo, que por si só já se reinventa, acompanhando as transformações do mundo e as mudanças tecnológicas. Afinal, de acordo com o meio no qual a notícia ou a reportagem jornalística pretende ser inserida, são necessárias modificações para adaptá-la para o tipo de mídia no qual será lançada. Com isso, surge a reportagem multimídia:

> A partir do final da década de 2000, com as possibilidades abertas pelo surgimento do HTML5, os produtos multimidiáticos jornalísticos se renovam, e anunciam o que pode ser uma consolidação desse tipo de formato expressivo enquanto gênero específico do webjornalismo, herdeiro da grande reportagem do impresso, que definimos como grande reportagem multimídia. (Longhi, 2014, p. 900)

A reportagem multimídia proporciona uma experiência imersiva, aprofundamento através de conteúdo mais completo, envolvente e interessante para o leitor, pois além de texto escrito, outros formatos de linguagem são utilizados, que conversam entre si. Podem ser citados elementos como vídeos, áudios, infográficos, hipertextos, ilustrações, iconografia, quizzes interativos, entre outros. Diferente de outros formatos, a reportagem multimídia se torna mais atraente para os leitores, uma vez que a convergência de linguagens diferentes oferece uma experiência de leitura mais dinâmica e com formas de interação.

Alciane Baccin (2016, p. 97) ao refletir sobre a importância da narrativa, destaca a reportagem como o gênero mais flexível às inovações e renovações, “pois além do design flexível comporta elementos de qualidade essenciais para a narrativa hipermídia longform”. O gênero jornalístico conhecido por “longform” é bem mais complexo do que apenas um texto longo. Segundo a pesquisadora, as narrativas jornalísticas hipermídia longform apresentam as seguintes características: design responsivo; predominância da verticalização/paralaxe; utilização do efeito “cortina”; aprofundamento do tema; contextualização/memória; imersão; uso de base de dados; humanização da narrativa; hipertextualidade; multimidialidade; interatividade.

Dessa forma, alinhado à grande reportagem multimídia, o texto longform pode criar uma narrativa ainda mais completa e contextualizada, uma vez que o texto verbal é enriquecido com elementos visuais, gráficos, audiovisuais, ícones e ilustrações interativas, entre outros. Longhi e Winques (2015, p. 124) afirmam que “o texto longform encontra no

webjornalismo e na grande reportagem multimídia um terreno fértil para consolidar suas características relativas às diferentes formas de apresentar as narrativas longas".

Alexandre Lenzi (2019), ao analisar reportagens especiais do jornal Nexo publicadas ao longo de 2018, reflete sobre como a construção de uma reportagem multimídia exige uma união bem feita entre as características próprias do gênero textual jornalístico, citando profundidade, interpretação e contextualização, e àquelas provenientes do meio digital, como a hipertextualidade, a multimidialidade e a interatividade. Assim, a utilização de diferentes elementos linguísticos no texto devem convergir de forma a desenvolver uma narrativa com um propósito bem direcionado e não apenas com o intuito de proporcionar algum tipo de entretenimento vazio ao leitor.

> A multimídia também é trabalhada com preocupações específicas, como o propósito de garantir uma real complementaridade informativa entre os conteúdos apresentados em diferentes formatos, sem redundância narrativa. Cada peça contribui com informações novas (sejam depoimentos em vídeo, estatísticas em infográficos ou imagens em fotografias ou ilustrações) que aprofundam o conhecimento sobre o tema abordado. (Lenzi, 2019, p. 290)

2.3 A subjetividade no jornalismo

Retratar a violência contra a mulher no Cariri cearense precisou que eu olhasse para o problema através de um olhar sensível, crítico e reflexivo, que me permitisse usufruir da subjetividade jornalística. Foi necessário pensar e escrever sobre a problemática de maneira a denunciá-la, e não apenas reportar um fato, de modo objetivo e imparcial. Fabiana Moraes (2022, p. 96) defende o uso da subjetividade no campo do jornalismo e a define como "uma demarcação de posição, de reflexão, de criticidade ao próprio campo; aparecia como sinalização realizada por uma agente do meio tanto a respeito da mítica da objetividade quanto da existência negada dos aspectos subjetivos inerentes ao cotidiano noticioso".

Nesse contexto, a autora explica como essa subjetividade ainda é vista como um tabu e quase considerada como uma forma de destruição do jornalismo entre muitos profissionais, que se reduzem à objetividade, ligada à neutralidade e à imparcialidade, para retratar suas pautas. O pensamento de Moraes (2022) contradiz isso, considerando a objetividade jornalística como um mito, que, na verdade, escondendo-se através de um falso discurso de democracia e isenção, desumaniza pessoas e promove violências das mais variadas formas.

> Tem relação com a própria recusa da reflexividade e um anseio, sempre, por respostas simplistas, que se afastam da função de uma mediação qualificada necessária a esta área de conhecimento. Sim, ela deve traduzir e explicar para uma

> população várias vezes maior e mais heterogênea aquilo que está reservado ou acessível para poucos, mas confundir essa tradução com, por exemplo, a manutenção de estereótipos e a reprodução da violência, é apequenar a própria profissão. (Moraes, 2022, p. 97)

Tendo isto em vista, a contribuição da autora colabora para compreender o que é retratado no primeiro capítulo da minha reportagem, em "A mídia local como parte do problema". Nesta parte, é levantada uma discussão sobre as formas com que alguns veículos de comunicação locais do Cariri escolhem noticiar casos que envolvem violência contra a mulher, frequentemente reproduzindo discursos que estimulam a proliferação da própria violência que está sendo retratada, muitas vezes oferecendo justificativas para o crime ou culpabilizando a vítima.

Nesse contexto, o pensamento de Moraes (2022) converge com a reflexão proposta por Lélia Gonzalez (1980), apresentada anteriormente, de que casos de crimes contra mulheres precisam ser analisados de forma a considerar as desigualdades sociais e discriminações que existem na sociedade, como o racismo, a misoginia, a LGBTfobia, e outras. "Essa é uma questão importante, uma vez que crimes contra a mulher ou crimes de racismo serviram durante muito para ilustrar veículos como se fossem fatos isolados, e não reflexos de uma cultura de morte amalgamada (e naturalizada) no cotidiano social." (Moraes, 2022, p. 195).

A visão de Moraes (2022) revela o uso da subjetividade como um aspecto essencial para se fazer um bom jornalismo, preocupado com as pautas que envolvem a sociedade e com a importância da criticidade dos fatos apresentados. Uma vez que o jornalismo expõe os acontecimentos de mundo, por meio de notícias e reportagens, deve ater-se aos problemas sociais que envolvem a pauta retratada, não se omitindo perante às desigualdades e às discriminações. Sendo assim, entende-se por jornalismo subjetivo, um jornalismo socialmente responsável.

A objetividade acrítica no fazer jornalístico, sustentada pela neutralidade e pela passividade diante das questões sociais, colabora para a reprodução de estereótipos e preconceitos, fomentando discursos que diminuem existências e encobrem desigualdades. O pensamento de Moraes (2022) não condena o jornalismo objetivo, mas auxilia para entender que essa postura não deve repelir o jornalista de qualquer questionamento em relação àquilo que ele mesmo apresenta para o público leitor.

Uma discussão que considerei totalmente válida para produção da minha reportagem envolveu a classificação elaborada por Fabiana Moraes (2022) entre "pauta-roteiro" e

“pauta-ação”. A primeira pode ser entendida como o “assunto”, geralmente relacionada a temas do cotidiano, que não necessariamente foram pensadas pelo jornalista, mas sim oferecidas a ele, e que geralmente levam menos tempo de produção. A segunda, está relacionada ao “enquadramento reflexivo”, sendo mais comum em reportagens devido ao aprofundamento no assunto e o tempo mais longo para serem produzidas. Porém, a autora reitera que tanto a pauta-roteiro quanto a pauta-ação não podem se isentar da reflexividade nas suas elaborações. Discutindo sobre a aplicação da pauta-ação, a autora afirma:

> Excelentes reportagens nascem, também, de uma interação reflexiva da jornalista com o seu entorno, do olhar atento ao que parece posto, natural, comum e mesmo besta. Nascem a partir de uma mirada que procura desnaturalizar e que busca o infraordinário, perspectiva que articula a partir de uma apropriação específica. Ela entende que as naturalizações de nossas violências têm, por exemplo, cor, classe, gênero. Essas violências fazem parte do que se tornou comum, ordinário.
> (Moraes, 2022, p. 194)

Esta afirmação me auxiliou a refletir sobre como eu poderia desenvolver a pauta da reportagem como um instrumento de combate. Considerando isto, o texto foi construído com base na denúncia do problema e no seu aprofundamento, lançando luz sobre aspectos comumente silenciados em relação à violência contra a mulher. Os meus principais objetivos foram evidenciar que os crimes não são casos isolados, que há uma repetição padronizada e, ainda, que alguns grupos são mais afetados pela violência que outros, em razão de vulnerabilidades específicas. Tudo isso, sustentado por um sistema patriarcal que oprime e desumaniza as mulheres.

Na obra jornalístico-literária “O nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes (2015) aborda, entre outros aspectos, a relação estabelecida entre o jornalista e a fonte, ou melhor, personagem, como a autora prefere reconhecer. Nesse contexto, são questionadas as limitações das concepções presentes em teorias, livros e manuais da área sobre como deve se dar esse encontro, essencial para a função jornalística, frequentemente compreendido de maneira excessivamente técnica e engessada. Aplicando a isso, também, a importância de um jornalismo que reconheça a subjetividade como parte de sua prática, ao refletir:

> É preciso pensar em um jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, da subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana. Nele, são considerados, e não negados, os elementos que escapam da “rede técnica” dessa área de conhecimento. Assume-se que não é possível domar o mundo exterior — e o Outro — em sua totalidade (independentemente de estarmos lidando com um “fato”, “fenômeno” ou

> "acontecimento"), mas que devemos, antes, incorporá-lo, dentro de nossas limitações, às práticas jornalísticas. (Moraes, 2015, p. 159)

Considerando isto, ao tratar de uma pauta centrada em um assunto delicado como a violência contra mulheres, que é, por si só, munida de sensibilidade, eu sabia que não poderia, e nem queria, adotar uma postura objetiva da maneira como o jornalismo mais tradicional exige. Porém, claro, a escolha de assumir um jornalismo subjetivo, não deve abandonar o rigor jornalístico, que demanda clareza e consistência na escrita, assim como a veracidade dos fatos.

Ao demonstrar como a relação construída com Joicy, sua personagem, extrapolou os limites preestabelecidos pelas teorias do jornalismo, Moraes (2015) evidencia como essa aproximação foi saudável e enriquecedora para a construção da narrativa. A presença da jornalista no texto, na escuta e no posicionamento na reportagem se fez necessária, não restando espaço para manter-se alheia às "subjetividades inerentes à vida" (Moraes, 2015, p. 159).

3 MÉTODOS

3.1 Apuração: obtenção de dados e realização de entrevistas

A idealização desta reportagem multimídia surgiu na disciplina de Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no início de 2025, ministrada pela professora Juliana Lotif. Na época, o intuito era retratar a persistência dos casos de crimes contra mulheres no CRAJUBAR, região que contempla os municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. Porém, o ângulo da pauta mudou quando finalmente iniciei a disciplina de TCC.

Nas primeiras orientações para o trabalho com o professor Ivan Satuf foi decidido que a reportagem analisaria a temática da violência contra as mulheres por um ângulo mais amplo, englobando a região do Cariri cearense. Também iniciou-se o processo de pensar e estruturar as narrativas de cada capítulo da reportagem e quais fontes seriam entrevistadas. Foram definidos quatro capítulos: o primeiro, “As marcas da violência no Cariri”, o segundo, “Vozes que romperam a violência”, o terceiro, “Os números da violência”, e o quarto “Vítimas por extensão”.

A apuração inicial exigiu uma pesquisa aprofundada sobre o cenário do problema na região. Foram analisados dados estatísticos da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS), assim como de boletins *Elas Vivem*, realizado pela Rede de Observatórios da Segurança, e também, de relatórios informativos da Patrulha Maria da Penha de Juazeiro do Norte. Alinhado a isso, a apuração também englobou a pesquisa de informações sobre como funciona parte da rede de proteção e apoio às mulheres vítimas de violência da região. Com isso em mente, foi possível iniciar as entrevistas, que totalizaram nove[2], ao final.

Para cada entrevista, foi montado um roteiro de perguntas específico, relacionado aos temas que seriam abordados com cada fonte. As conversas com cada pessoa aconteceram conforme as demandas das narrativas de cada capítulo, em que a maior parte foi realizada presencialmente, nos devidos locais de trabalho dos entrevistados, com exceção das entrevistas com Laura Brasil, e com duas mulheres vítimas de violência. As entrevistas aconteceram na seguinte ordem apresentada no Quadro 1:

[2] Foram ouvidas oito fontes, contudo, foram realizadas duas entrevistas com Macedônia Felix, em momentos distintos da apuração.

Quadro 1 - Lista de entrevistas realizadas durante a produção da reportagem

Ordem	Fonte	Descrição
1	Macedônia Felix	Psicóloga e supervisora psicossocial da Casa da Mulher Cearense de Juazeiro do Norte.
2	César Alves	Comandante da Guarda Civil Metropolitana de Juazeiro do Norte.
3	Francisco Tavares	Coordenador operacional da Patrulha Maria da Penha de Juazeiro do Norte.
4	Socorro (nome fictício)	Mulher vítima de violência doméstica, residente em Juazeiro.
5	Maria (nome fictício)	Mulher vítima de violência doméstica, residente em Crato.
6	Valentina (nome fictício)	Mulher vítima de violência doméstica, residente em Juazeiro.
7	Sara Regina	Historiadora e psicóloga.
8	Laura Brasil	Jornalista e pesquisadora no campo da violência de gênero e feminicídio.

Fonte: elaborado pela autora (2026)

Para que fosse possível acompanhar a Patrulha Maria da Penha (PMP) em uma rotina de trabalho, a solicitação foi feita ao comandante da GCM, César Alves, ao final da entrevista, que autorizou a minha participação em uma visita domiciliar, ação realizada pela Patrulha às mulheres que possuem medidas protetivas contra seus agressores. Após isso, eu permaneci no aguardo do chamado do coordenador operacional da PMP, Francisco Tavares, que ficou sob a responsabilidade de solicitar o consentimento da minha participação na visita, à alguma das mulheres assistidas pelo grupo especializado.

Na semana seguinte, foi conseguida esta segunda autorização, sendo possível realizar a visita. No dia 16 de junho de 2026, junto a quatro agentes da Patrulha, duas mulheres e dois homens, fui deslocada na viatura da Patrulha para a residência da devida mulher, como mostrado na figura 1. Durante a ação, pude acompanhar todo o processo da visita domiciliar, em que os agentes rondam os arredores da casa a fim de checar possíveis aproximações do agressor e, ao chegarem na casa, conversam com a vítima, que conta sobre a sua situação. Após esse momento, pude realizar a minha primeira entrevista com uma mulher vítima de violência, e em seguida, retornamos à sede da Guarda Municipal Metropolitana de Juazeiro do Norte, finalizando a ação.

Figura 1 - Momento dentro da viatura da Patrulha Maria da Penha, em destino à residência da vítima a ser visitada



Foto: Bárbara Ívina

Maria e Valentina foram as próximas entrevistadas. Para chegar até elas, nesse caso, o contato foi facilitado por um colega de turma, que tinha conhecimento do tema do meu trabalho e sobre ambas as mulheres. A entrevista com Maria aconteceu presencialmente em seu ambiente de trabalho, em Juazeiro do Norte. No caso de Valentina, a conversa teve que ser realizada de modo remoto, via *Google Meet,* pois a entrevistada estava em uma viagem.

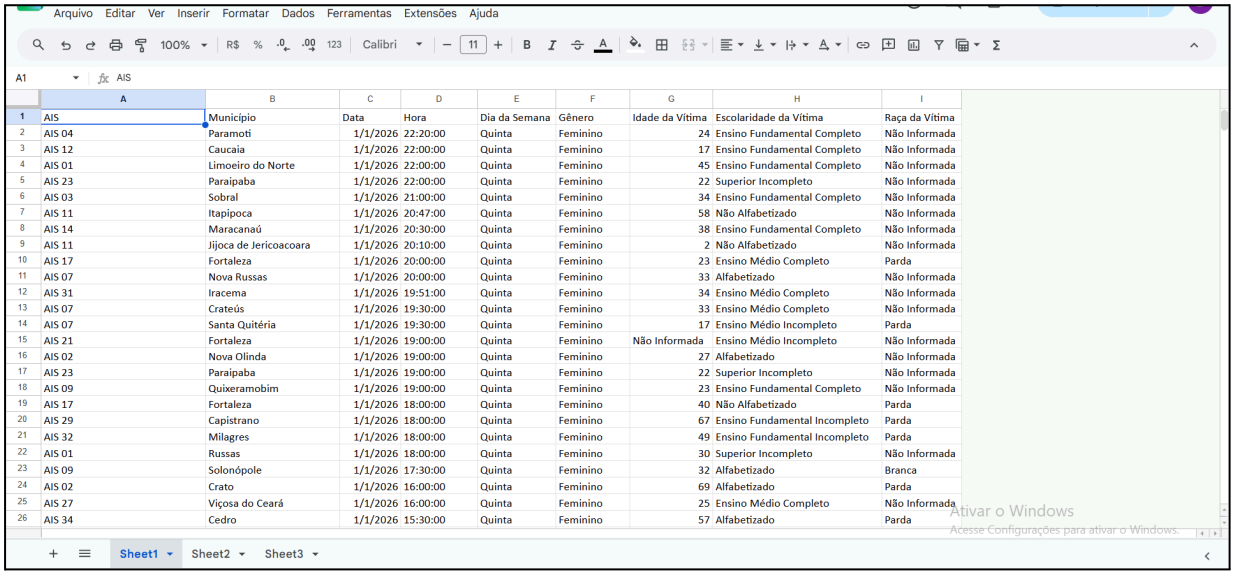
Entrevistar as três mulheres vítimas de violência doméstica para a reportagem foi uma experiência muito diferente e das mais difíceis entre as coisas que já realizei no jornalismo. Foi necessário bastante cuidado, delicadeza e sensibilidade e, na verdade, eu não queria que parecesse uma entrevista, mas sim, uma conversa. O intuito, além de fazer perguntas, era, muito mais, simplesmente escutá-las.

Dessa forma, apesar de ter preparado um roteiro de entrevista para nortear as conversas com Socorro, Maria e Valentina, não havia interesse em que este fosse seguido à risca. Para isso, foi preciso reconhecer o que evidencia Fabiana Moraes (2015) quando reflete sobre a importância de um jornalismo de subjetividade: “que não somos capazes de guiar comportamentos, falas, sentimento e situações, aliás, não prejudica a narrativa jornalística; ao contrário, pode enriquecê-la” (Moraes, 2015, p. 159 e 160).

Na apuração dos dados numéricos sobre crimes contra mulheres no Cariri, foram analisadas, a fundo, planilhas estatísticas contidas no portal oficial da SSPDS do Ceará. As planilhas utilizadas foram referentes aos crimes registrados na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06) nos períodos de janeiro a junho de 2026, e de 2012 a 2025, e aos Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI), que contém registros sobre feminicídios e homicídios dolosos, nos períodos de janeiro a junho de 2026, e de 2009 a 2025.

Durante a disciplina de Jornalismo Digital II, ministrada pelo professor Ivan Satuf, no semestre de 2024.1, pude aprender algumas funções do Google Planilhas. Para que eu pudesse conseguir os dados necessários para a reportagem através das planilhas, foi feita uma revisão sobre a utilização da plataforma com o meu orientador. Como as planilhas são compostas por informações de registros de crimes de todas as cidades do Ceará (Figura 2), foi necessário, primeiramente, separar apenas aquelas referentes à região do Cariri, como o recorte da minha pauta exigia.

Figura 2 - Planilha estatística original da SSPDS, sem edições



AIS	Município	Data	Hora	Dia da Semana	Gênero	Idade da Vítima	Escolaridade da Vítima	Raça da Vítima
AIS 04	Paramoti	1/1/2026	22:20:00	Quinta	Feminino	24	Ensino Fundamental Completo	Não Informada
AIS 12	Caucaia	1/1/2026	22:00:00	Quinta	Feminino	17	Ensino Fundamental Completo	Não Informada
AIS 01	Limoeiro do Norte	1/1/2026	22:00:00	Quinta	Feminino	45	Ensino Fundamental Completo	Não Informada
AIS 23	Paraipaba	1/1/2026	22:00:00	Quinta	Feminino	22	Superior Incompleto	Não Informada
AIS 03	Sobral	1/1/2026	21:00:00	Quinta	Feminino	34	Ensino Fundamental Completo	Não Informada
AIS 11	Itapipoca	1/1/2026	20:47:00	Quinta	Feminino	58	Não Alfabetizado	Não Informada
AIS 14	Maracanaú	1/1/2026	20:30:00	Quinta	Feminino	38	Ensino Fundamental Completo	Não Informada
AIS 11	Jijoca de Jericoacoara	1/1/2026	20:10:00	Quinta	Feminino	2	Não Alfabetizado	Não Informada
AIS 17	Fortaleza	1/1/2026	20:00:00	Quinta	Feminino	23	Ensino Médio Completo	Parda
AIS 07	Nova Russas	1/1/2026	20:00:00	Quinta	Feminino	33	Alfabetizado	Não Informada
AIS 31	Iracema	1/1/2026	19:51:00	Quinta	Feminino	34	Ensino Médio Completo	Não Informada
AIS 07	Crateús	1/1/2026	19:30:00	Quinta	Feminino	33	Ensino Médio Completo	Não Informada
AIS 07	Santa Quitéria	1/1/2026	19:30:00	Quinta	Feminino	17	Ensino Médio Incompleto	Parda
AIS 21	Fortaleza	1/1/2026	19:00:00	Quinta	Feminino	Não Informada	Ensino Médio Incompleto	Não Informada
AIS 02	Nova Olinda	1/1/2026	19:00:00	Quinta	Feminino	27	Alfabetizado	Não Informada
AIS 23	Paraipaba	1/1/2026	19:00:00	Quinta	Feminino	22	Superior Incompleto	Não Informada
AIS 09	Quixeramobim	1/1/2026	19:00:00	Quinta	Feminino	23	Ensino Fundamental Completo	Não Informada
AIS 17	Fortaleza	1/1/2026	18:00:00	Quinta	Feminino	40	Não Alfabetizado	Parda
AIS 29	Capistrano	1/1/2026	18:00:00	Quinta	Feminino	67	Ensino Fundamental Incompleto	Parda
AIS 32	Milagres	1/1/2026	18:00:00	Quinta	Feminino	49	Ensino Fundamental Incompleto	Parda
AIS 01	Russas	1/1/2026	18:00:00	Quinta	Feminino	30	Superior Incompleto	Não Informada
AIS 09	Solonópole	1/1/2026	17:30:00	Quinta	Feminino	32	Alfabetizado	Branca
AIS 02	Crato	1/1/2026	16:00:00	Quinta	Feminino	69	Alfabetizado	Parda
AIS 27	Viçosa do Ceará	1/1/2026	16:00:00	Quinta	Feminino	25	Ensino Médio Completo	Não Informada
AIS 34	Cedro	1/1/2026	15:30:00	Quinta	Feminino	57	Alfabetizado	Parda

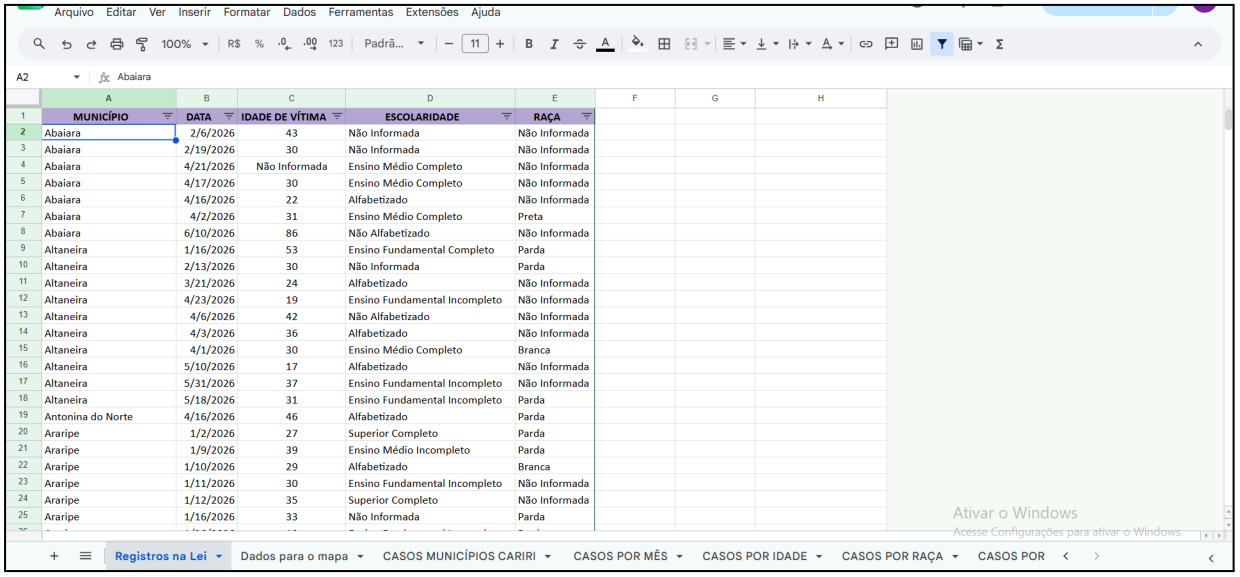
Fonte: elaborada pela autora (2026)

Após fazer isso nas quatro planilhas escolhidas, foram criadas tabelas dinâmicas[3] para obtenção de dados como: quantidade de registros na Lei Maria da Penha em cada município do Cariri em 2026; número de casos por mês; quantidade de vítimas por idade, por raça e por nível de escolaridade; número de feminicídios por ano; entre outros dados utilizados na

[3] Recurso do Google Planilhas que resume, agrupa e analisa grandes volumes de dados de forma rápida e interativa, sem alterar a sua base de dados original. Ela permite calcular somas, médias e contagens arrastando campos para linhas e colunas.

reportagem. Um exemplo de edição feita por mim nas planilhas estatísticas da SSPDS é mostrado na Figura 3.

Figura 3 - Planilha estatística da SSPDS editada



Arquivo Editar Ver Inserir Formatar Dados Ferramentas Extensões Ajuda

A2 Abaiara

	A	B	C	D	E	F	G	H
1	MUNICÍPIO	DATA	IDADE DE VÍTIMA	ESCOLARIDADE	RAÇA			
2	Abaiara	2/6/2026	43	Não Informada	Não Informada			
3	Abaiara	2/19/2026	30	Não Informada	Não Informada			
4	Abaiara	4/21/2026	Não Informada	Ensino Médio Completo	Não Informada			
5	Abaiara	4/17/2026	30	Ensino Médio Completo	Não Informada			
6	Abaiara	4/16/2026	22	Alfabetizado	Não Informada			
7	Abaiara	4/2/2026	31	Ensino Médio Completo	Preta			
8	Abaiara	6/10/2026	86	Não Alfabetizado	Não Informada			
9	Altaneira	1/16/2026	53	Ensino Fundamental Completo	Parda			
10	Altaneira	2/13/2026	30	Não Informada	Parda			
11	Altaneira	3/21/2026	24	Alfabetizado	Não Informada			
12	Altaneira	4/23/2026	19	Ensino Fundamental Incompleto	Não Informada			
13	Altaneira	4/6/2026	42	Não Alfabetizado	Não Informada			
14	Altaneira	4/3/2026	36	Alfabetizado	Não Informada			
15	Altaneira	4/1/2026	30	Ensino Médio Completo	Branca			
16	Altaneira	5/10/2026	17	Alfabetizado	Não Informada			
17	Altaneira	5/31/2026	37	Ensino Fundamental Incompleto	Não Informada			
18	Altaneira	5/18/2026	31	Ensino Fundamental Incompleto	Parda			
19	Antonina do Norte	4/16/2026	46	Alfabetizado	Parda			
20	Araripe	1/2/2026	27	Superior Completo	Parda			
21	Araripe	1/9/2026	39	Ensino Médio Incompleto	Parda			
22	Araripe	1/10/2026	29	Alfabetizado	Branca			
23	Araripe	1/11/2026	30	Ensino Fundamental Incompleto	Não Informada			
24	Araripe	1/12/2026	35	Superior Completo	Não Informada			
25	Araripe	1/16/2026	33	Não Informada	Parda			

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

Registros na Lei | Dados para o mapa | CASOS MUNICÍPIOS CARIRI | CASOS POR MÊS | CASOS POR IDADE | CASOS POR RAÇA | CASOS POR

Fonte: elaborada pela autora (2026)

Posteriormente, foram realizadas também as entrevistas com Sara Regina e Laura Brasil, além de uma segunda conversa com Macedônia Felix. Então, com a maior parte da apuração feita, foi iniciada a construção da escrita da reportagem.

3.2 Produção textual

Para o primeiro capítulo, intitulado “As marcas da violência no Cariri”, responsável por abrir a reportagem, era necessário escrever um texto de impacto e que instigasse a leitura. Por isso, o primeiro parágrafo inicia com uma fala forte e dolorida de Socorro, vítima de violência doméstica. Em seguida, é feita uma breve introdução do conteúdo de cada capítulo. A reportagem segue, apresentando um panorama do problema da violência contra a mulher no Cariri, com o apoio de dados estatísticos, infográficos e contribuições de entrevistados, Macedônia Felix, César Alves e Laura Brasil, em ordem de aparição.

O segundo capítulo, por sua vez, foi de longe um dos mais difíceis de redigir. Com o título “Vozes que romperam o silêncio”, traz os relatos de três mulheres caririenses que sofreram violência doméstica, sendo elas Socorro, Valentina e Maria. As três são apresentadas no texto através de nomes fictícios e nas fotos, aparecem de costas para a câmera. Esta escolha editorial foi pensada em função da preservação de identidade das

vítimas, apesar de duas delas terem autorizado a divulgação tanto de seus nomes verdadeiros, como de suas imagens. Em relação aos agressores, a ideia de nomeá-los, também com nomes fictícios, foi cogitada, mas não foi assumida no texto, uma vez que, fazendo isso eu estaria colocando-os em evidência, e o intuito não era esse, mas sim manter as mulheres no centro do debate. Dessa forma, no decorrer do texto os criminosos foram referidos como "o agressor", "o homem" ou "o ex-companheiro".

Partindo para o terceiro capítulo, foi feita uma abordagem através da análise de estatísticas da SSPDS e de dados fornecidos pela Patrulha Maria da Penha de Juazeiro do Norte, referentes a relatórios mensais correspondentes ao período de janeiro a maio de 2026, alinhado às contribuições da jornalista e pesquisadora Laura Brasil, e da psicóloga Sara Regina. A primeira destaca a questão da imposição dos papéis de gênero na sociedade e como isso contribui para a persistência da violência, além de apontar para a falta de monitoramento e para a necessidade da criação de mais equipamentos de apoio na região. A segunda, evidencia como a violência afeta psicologicamente as mulheres.

O quarto e último capítulo foi pensado para abordar a situação dos filhos e dependentes das vítimas, de que eles também são afetados por essa violência. Aqui, há um aprofundamento em relação à violência vicária, reconhecida e incluída recentemente na Lei Maria da Penha, referindo-se às agressões praticadas aos filhos e familiares da vítima. O intuito, aqui, é trazer mais visibilidade à essas pessoas que também sofrem com a situação, mas muitas vezes não são inseridas na discussão. O capítulo também traz contribuições das psicólogas Sara Regina e Macedônia Felix, que explicam de quais formas a violência prejudica psicologicamente, principalmente, crianças e adolescentes. Além disso, também são apresentados os locais de apoio disponíveis para esse público na região.

Como uma espécie de "bônus da reportagem", foi feita também a parte intitulada "Sob o olhar da repórter", que aparece após todos os quatro capítulos. Nesse espaço é apresentado um texto que trata das motivações e reflexões da autora em relação à reportagem.

3.3 Construção do site

Ainda durante o processo de apuração da reportagem, foi realizada uma 1ª reunião com meu orientador, Ivan Satuf, e a técnica de laboratório da UFCA, Hanna Menezes. Nesse encontro foi discutido como se daria a construção do site que abrigaria a minha reportagem multimídia, sendo definida a utilização da plataforma Wix. Durante a disciplina de Jornalismo Digital II, pude ter o primeiro contato com a plataforma, que permite a criação e edição de sites de forma simplificada.

Com parte do texto da reportagem pronto, pôde ser iniciado o desenvolvimento de um protótipo da primeira página do site, que apresenta a capa e o Capítulo 1. A partir desse ponto, com a finalização de todas as entrevistas, o texto pôde ser concluído e iniciou-se o processo de criação dos outros três capítulos. Durante a criação do texto, já foram sendo pensados quais elementos multimídia iriam compor a reportagem, sendo eles: infográficos, fotos, vídeos e ilustrações e boxes informativos. Essa esquematização auxiliou a construção do site, mas novos elementos e formas de representação foram sendo pensados e desenvolvidos durante o processo criativo.

As reportagens multimídias intituladas "Vitrine Digital - O consumo de profissionais no novo mercado, ou você se adapta a ele ou você desaparece" e "Memória das Águas - A história das enchentes de Iguatu", são dois excelentes trabalhos realizados pelas ex-alunas do curso de Jornalismo da UFCA, Beatriz Beltrão e Beatriz Silva, que me serviram como principais referências para basear a produção do meu próprio TCC. Além destas, a clássica "Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek"[4], também foi uma reportagem na qual me baseei para a minha própria criação, em aspectos como a apresentação do texto e dos capítulos, assim como dos elementos multimídia.

Através de um template disponibilizado na própria plataforma Wix, foram utilizados alguns elementos, como a tipografia *Aether* e as cores nos tons vinho, amarelo claro e tons claros de rosa. A cor roxa também foi escolhida para ser usada na reportagem, pois representa a cor simbólica do combate à violência contra a mulher, aparecendo na maior parte da capa, assim como no fundo dos títulos de cada capítulo e nos infográficos. Tanto as cores como as tipografias foram escolhidas por serem confortáveis tanto visualmente como para a leitura.

A tipografia *Aether* é sem serifa e possui boa legibilidade, aparecendo no título principal da reportagem, no menu dos capítulos e no corpo do texto. As outras, também sem serifa, *Neue Haas Unica Pro* e *Brandon Grotesque*, foram utilizadas como fontes auxiliares. A primeira, aparece apenas no rodapé, e a segunda, apenas no título da reportagem em "a violência contra as mulheres no Cariri Cearense", para contrastar com a primeira parte "Entre o medo e a denúncia", em *Aether* e negrito. As cores e fontes usadas no site estão representadas nas figuras 4 e 5.

[4] Reportagem paradigmática do modelo narrativo longform que pode ser acessada em https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html.

Figura 4 - Fontes tipográficas utilizadas no site



Fonte: elaborada pela autora (2026)

Figura 5 - Cores utilizadas no site



Fonte: elaborada pela autora (2026)

O processo criativo de cada capítulo da reportagem rendeu a criação e utilização de diferentes elementos multimídia. O capítulo de abertura traz uma capa com o título principal da reportagem e um menu clicável que leva aos próximos. A ilustração foi escolhida para aparecer na capa pois representa uma mulher com feições sérias e fazendo um gesto de "pare" com a mão, fazendo alusão à luta contra a violência. A imagem foi obtida através da plataforma Magnific (antigo Freepik), que disponibiliza o download de imagens, vetores, fotos e ilustrações gratuitas e por assinatura.

Com exceção das imagens, fotografias, vídeos e infográficos, todos os outros elementos visuais e gráficos foram desenvolvidos na própria plataforma Wix. Para introduzir cada capítulo foram criadas seções com fundo na cor roxa e o título em amarelo, cores que possuem um bom contraste, favorecendo a legibilidade. No decorrer do texto também foram incorporados hiperlinks que levam às fontes dos dados apresentados ou a portais oficiais de Secretarias do Estado do Ceará.

Os infográficos mostrados na reportagem foram produzidos através do Flourish, uma plataforma online de criação e edição de gráficos, mapas e outros elementos visuais informativos. Para produzi-los foram utilizados os dados obtidos através das planilhas estatísticas da SSPDS e a escolha dos tipos foi feita de acordo com qual melhor se encaixaria para apresentar os dados em cada situação. Assim, foram criadas as seguintes visualizações gráficas para a reportagem:

- **Mapa interativo da região do Cariri** - mostra a quantidade de registros na Lei Maria da Penha na região do Cariri de janeiro a junho de 2026;
- **Gráfico de barras vertical -** mostra o número de registros na Lei Maria da Penha de 2021 a 2026 no Cariri;
- **Gráfico de barras horizontal -** mostra a quantidade de feminicídios registrados entre 2018 e 2025 no Cariri;
- **Gráfico donut -** mostra o nível de escolaridade das vítimas de violência doméstica registradas entre janeiro e junho de 2026.

Para a produção do mapa interativo da região do Cariri, especificamente, foi necessária a utilização de arquivo no formato *json*, que contém as coordenadas geométricas dos municípios do Ceará, e também de códigos de identificação do IBGE de cada cidade do Cariri para a formação da visualização da região no mapa. Após prontos, os gráficos foram inseridos no site via código de incorporação HTML (embed).

Ao decorrer da reportagem aparecem espécies de caixas com nome, foto e minibio do entrevistado ou entrevistada, quando citados no texto. O intuito é mostrar quem é a pessoa que está sendo citada e dar mais informações sobre ela, como é mostrado na Figura 6.

Figura 6 - Exemplo de box informativo sobre o entrevistado



Fonte: elaborada pela autora (2026)

Com exceção do vídeo da jornalista Cecília de Oliveira, o qual já existia na internet e foi apenas incorporado ao site, os outros vídeos são trechos de entrevistas gravadas para a reportagem, que foram editados e legendados para garantir maior acessibilidade. Foi criado um primeiro modelo de apresentação para os vídeos na reportagem (Figura 7), que foi, posteriormente, reformulado, a fim de dar um destaque maior na visualidade e representar melhor tal elemento multimídia no decorrer do texto. Dessa forma, foram criadas seções específicas, que continham, ao lado do vídeo, uma foto da pessoa entrevistada, acompanhada de um texto que introduz o que é abordado no vídeo, como está representado na figura 8.

Figura 7 - Primeiro modelo de apresentação para os vídeos na reportagem



Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Figura 8 - Reformulação feita na representação para os vídeos na reportagem



Fonte: elaborada pela autora (2026)

Para o terceiro capítulo foram criados, especialmente, um box informativo a respeito da Lei Maria da Penha, e ícones circulares que representam, de maneira proporcional, os números informados no interior de cada círculo. Para o quarto capítulo, foi criada uma seção para indicar números para denúncias de violência contra a mulher e equipamentos de apoio às vítimas, tanto mulheres como crianças e adolescentes.

A fim de evitar que o leitor, ao chegar no final do capítulo, tenho que subir ao topo da página novamente para conseguir acessar o menu e avançar para o próximo capítulo, foram inseridos botões clicáveis ao final de cada capítulo, que permitem seguir para a próxima página ou retornar à anterior (Figura 9).

Figura 9 - Botões clicáveis da reportagem para retornar ou avançar entre os capítulos



Fonte: elaborada pela autora (2026)

Foi criado também um rodapé que aparece ao final de todas as páginas, mostrando informações como nome da autora, a indicação de que a reportagem trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso e os respectivos responsáveis pela orientação e pelo apoio técnico, acompanhadas das logotipos da UFCA e do curso de Jornalismo.

Durante todo o processo de produção do site houve um cuidado em relação a padronização tanto dos tamanhos de fontes de títulos e intertítulos, legendas, e corpo do texto, como dos elementos visuais, priorizando maior organização e uniformidade dos elementos presentes no texto.

Na semana de entrega do trabalho à banca examinadora, foi realizada uma última reunião com a técnica de laboratório, Hanna Menezes, para definir ajustes finais no site. Assim, foram feitos os últimos refinamentos como ajustes no texto para remover as linhas compostas por apenas uma única palavra, assim como ajustes no alinhamento de alguns títulos, intertítulos e elementos visuais. No dia 22 de outubro de 2026 foi feito o envio da reportagem multimídia e deste relatório técnico para a banca examinadora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste trabalho teve uma duração de seis meses, iniciando em maio e sendo finalizado em outubro de 2026, mas o desejo de falar sobre a violência contra as mulheres no Cariri já existia em mim muito antes disso. O processo criativo e de produção foi árduo e complexo e exigiu muito cuidado, sensibilidade e responsabilidade ética e social. Sem dúvidas, foi a produção mais difícil e, também, a mais importante que realizei no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Como mulher e caririense, trabalhar com esta pauta me afetou de maneira mais forte e profunda. Escrever a reportagem foi, por muitos momentos, desconfortável, angustiante e revoltante. Porém, este trabalho também serviu para me ensinar que o jornalismo pode, e deve, ser utilizado como um instrumento de conscientização social e que tem poder de provocar transformações na sociedade, quando feito de forma cuidadosa e responsável.

Por isso, o intuito deste trabalho foi abordar a questão da violência contra a mulher no Cariri por um novo olhar, diferente das formas sensacionalistas e desmoralizantes que costumeiramente aparecem, principalmente em veículos de informação locais. O olhar foi lançado às mulheres, concedendo-lhes um espaço para que pudessem contar as suas histórias. Além disso, a reportagem também contribui para tornar evidente que devem ser pensadas novas maneiras de se fazer jornalismo no Cariri, que respeite as mulheres e que não seja mais um combustível para a reprodução de discursos que oprimem, diminuem e causam a morte de tantas pessoas.

Inspirar-me em autoras brasileiras e feministas como Fabiana Moraes e Lélia Gonzalez, além de, claro, nas minhas entrevistadas, também feministas, Laura Brasil e Macedônia Felix, foi muito importante para que eu conseguisse produzir este trabalho da melhor forma. Espero, também, que esta produção possa servir como inspiração e referência para o desenvolvimento de futuros trabalhos sobre a mesma temática.

Por fim, ressalto aqui as palavras presentes na minha reportagem. Que nós, como sujeitos mulheres, possamos viver em plena liberdade, sem que tenhamos nossas existências limitadas, questionadas ou mesmo, interrompidas. Por isso, este trabalho é dedicado a todas elas, em especial, às mulheres do Cariri.

REFERÊNCIAS

BACCIN, Alciane. A narrativa longform em reportagens hipermídia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 89-101, jan./jun. 2017. DOI: https://doi.org/10.5007/1984-6924.2017v14n1p89. Acesso em: 20 out. 2026.

BELTRÃO, Beatriz. Vitrine Digital, 2023. Disponível em: https://beatrizmbeltrao.wixsite.com/vitrinedigital. Acesso em: 22 de abr. 2026.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 11 jul. 2026.

BRASIL. **Lei nº 15.384, de 9 de abril de 2026.** Altera a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e a Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos) [...]. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2026. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2026/lei/l15384.htm. Acesso em: 20 ago. 2026.

FENAJ. Rede Record presta desserviço ao entrevistar agressor de Maria da Penha. **FENAJ**, 2026. Disponível em: https://fenaj.org.br/rede-record-presta-desservico-ao-entrevistar-agressor-de-maria-da-penha/. Acesso em: 20 ago. 2026.

G1 CEARÁ. Por que o Instituto Maria da Penha pediu a suspensão de entrevista com o ex-marido da ativista cearense. **G1 Ceará**, 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2026/08/10/por-que-o-instituto-maria-da-penha-pediu-a-suspensao-de-entrevista-com-o-ex-marido-da-ativista-cearense.ghtml. Acesso em: 20 ago. 2026.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Governo do Ceará entrega viaturas e kits à Patrulha Maria da Penha a 29 municípios. Governo do Estado do Ceará, 2026. Disponível em: https://www.ce.gov.br/2026/01/21/governo-do-ceara-entrega-viaturas-e-kits-a-patrulha-maria-da-penha-a-29-municipios/. Acesso em: 10 out. 2026.

LENZI, Alexandre. A Grande Reportagem Multimídia como Expressão Plena do Jornalismo On-Line: dos Sucessos Pioneiros aos Produtos Nativos Digitais. In: HENRIQUES, Fernanda et al (org.). **Gênero, notícia e transformação social.** Aveiro: Ria Editorial, 2019. p. 279-299. Acesso em: 10 out. 2026.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, set./dez. 2014. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/18660. Acesso em: 9 out. 2026.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 110–127, 2015. DOI: 10.25200/BJR.v11n1.2015.693. Acesso em: 20 out. 2026.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ. **Núcleo de Acolhimento às Vítimas de Violência (NUAVV)**, [s.d.]. Disponível em: https://mpce.mp.br/institucional/nucleos-de-apoio/nucleo-de-acolhimento-as-vitimas-de-violencia-nuavv/. Acesso em: 10 set. 2026.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate:** subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MPCE. Nuavv Cariri conta com novo ponto de atendimento na Casa da Criança e do Adolescente, em Juazeiro do Norte. **MPCE**, 2026. Disponível em: https://mpce.mp.br/nuavv-cariri-conta-com-novo-ponto-de-atendimento-na-casa-da-crianca-e-do-adolescente-em-juazeiro-do-norte/. Acesso em: 10 set. 2026.

REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA. **Elas vivem: a urgência da vida.** Silvia Ramos et. al. Rio de Janeiro: CESeC, 2026. E-book (PDF). Disponível em: https://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2026/03/Enviando-por-email-RELATORIO_elas-vivem_MAR26_final.pdf. Acesso em: 8 mai. 2026.

REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA. **Elas vivem: um caminho de luta.** Silvia Ramos et. al. Rio de Janeiro: CESeC, 2025. E-book (PDF). Disponível em: https://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2025/03/elas-vivem_um-caminho-de-luta_fev25_WEB-1.pdf. . Acesso em: 8 de maio de 2026.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA SOCIAL DO ESTADO DO CEARÁ. **Estatísticas.** [s.d.]. Disponível em: https://www.ce.gov.br/sspds/estatisticas/. Acesso em: 13 de maio de 2026.

SECRETARIA DAS MULHERES DO ESTADO DO CEARÁ. **Casa da Mulher Cearense - Serviços.** [s.d.]. Disponível em: https://www.ce.gov.br/mulheres/casa-da-mulher-cearense/. Acesso em: 16 de maio de 2026.

SILVA, Beatriz. Memória das Águas, 2025. Disponível em: https://beatrizsilvajorn.wixsite.com/memoriadasaguas. Acesso em: 22 de abr. 2026.

UFCA. UFCA adere à campanha Banco Vermelho e reforça compromisso com o enfrentamento à violência contra a mulher. **UFCA**, 2026. Disponível em: https://www.ufca.edu.br/informes/ufca-adere-a-campanha-banco-vermelho-e-reforca-compromisso-com-o-enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher/. Acesso em: 9 jun. 2026.

ANEXO
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso, escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Juazeiro do Norte, 29 de outubro de 2026.

gov.br
Documento assinado digitalmente
IVAN SATUF REZENDE
Data: 29/10/2026 21:23:14-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Ivan Satuf Rezende
SIAPE 1368261